

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16418 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ESCRITA ESCOLARES A PARTIR DO “MANUAL DO PROFESSOR PRIMÁRIO” DE THEOBALDO SANTOS (1956)

Carolina Monteiro - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ESCRITA ESCOLARES A PARTIR DO
“MANUAL DO PROFESSOR PRIMÁRIO” DE THEOBALDO SANTOS (1956)**

RESUMO: O trabalho se situa no âmbito dos estudos em História da Educação e adota os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural. Tem como objetivo compreender as razões pelas quais os exercícios de cópia, redação e ditado vêm persistindo secularmente como práticas de escrita escolares. Para isso, toma como objeto de estudo o livro “Manual do Professor Primário”, de autoria de Theobaldo Miranda Santos, publicado em 1956, que inclui o Programa do Ensino Primário do Distrito Federal de 1950, foco de análise neste trabalho. Fundamenta-se em referenciais da História da Cultura Escrita a fim de compreender a historicidade do ensino da escrita na escola. A análise permite observar a persistência dos exercícios de cópia, redação e ditado no ensino escolar, associados, no documento em questão, a exercícios de leitura, expressão oral e conhecimentos gramaticais, indicando uma concepção mais ampla de alfabetização no século XX. Conclui-se que a capacidade de adaptação destes exercícios a diferentes orientações pedagógicas e objetivos de ensino é o que permite a sua persistência secular como práticas escolares.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação. Práticas de Escrita. Escola Primária. Theobaldo Santos.

O trabalho se situa no âmbito dos estudos em História da Educação e adota os pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural, que concebe a leitura e a escrita como práticas culturais, e tem como objetivo compreender as razões pelas quais os exercícios de cópia, redação e ditado vêm persistindo secularmente como práticas de escrita escolares.

No curso da história da educação, os exercícios de escrita evidenciam concepções de educação e de ensino da escrita. De acordo com Anne-Marie Chartier, “a alfabetização não é uma realidade fora da história” (CHARTIER, A.M. 1998, p. 4), isto é, as mudanças nos conteúdos e métodos para o ensino da leitura e da escrita estão relacionadas às transformações das necessidades da sociedade com relação à alfabetização.

Nesta perspectiva e tomando como exemplo o caso francês, Anne-Marie Chartier

identificou quatro grandes etapas históricas que exemplificam as redefinições de objetivos da alfabetização, às quais correspondem novos conteúdos de formação e novos métodos de ensino: “apenas saber ler, saber ler-escrever-contar, adquirir os conhecimentos elementares da cultura escrita, dominar a cultura escrita da escolarização primária” (CHARTIER, A.M. 1998, p. 4-5). Ainda segundo a autora, o ditado emerge como exercício escolar na terceira etapa dentre aquelas antes referidas, a partir da metade do século XIX, quando o objetivo da alfabetização deixa de significar ensinar apenas a ler, escrever e contar e passa a significar a aquisição dos conhecimentos elementares da cultura escrita. Neste momento histórico, é perceptível a modificação da preocupação com a escrita bem traçada para uma maior atenção à escrita correta, ou seja, com a ortografia. Portanto, os alunos dedicam menos tempo a exercícios de cópia de modelos caligráficos e mais tempo à escrita de textos ditados, copiados ou produzidos por eles mesmos, sem erros de sintaxe nem de ortografia. De acordo com a autora,

O aprendizado da escrita se torna, portanto, tão importante quanto o da leitura, pois os exercícios de grafia, de ortografia e de gramática passam a ocupar um tempo cada vez maior, exigindo novas competências dos professores. Aos exercícios típicos da antiga escolarização, de leitura soletrada (B – A, BA), são adicionados exercícios novos como o ditado, a análise gramatical e os problemas de aritmética. Com efeito, se após a aprendizagem da decifração não há mais nada a aprender (senão utilizar essa aprendizagem para ler em voz alta pequenos textos), após a aprendizagem da escrita existe um conhecimento elementar da língua francesa que abre as portas para um aprendizado sem fim: ortografia, análises e, de forma mais modesta, redação. (CHARTIER, A.M. 1998, p. 6-7)

Torna-se evidente, portanto, a modificação da definição de alfabetização com a emergência da ortografia como ensino da escrita. No mesmo sentido, porém analisando o contexto do ensino da escrita em Portugal, o historiador da educação Justino Pereira Magalhães aponta duas competências fundamentais da escrita no contexto da escrita escolar na escola portuguesa: “escrever bem e escrever certo” (MAGALHÃES, 2008, p. 32). O autor ressalta que os exercícios mais comumente utilizados no ensino escolar para a aquisição dessas competências não favoreciam a expressão e a criatividade dos alunos. Em suas palavras:

No processo de pedagogização da escrita, sob a forma caligráfica, o peso dado aos traslados, mesmo no interior das provas escolares, associado a uma fórmula fazem emergir um campo literário e uma prática de interlocução, progressivas no processo de aprendizagem e na formação do escrevente, manifestas sob a forma de cópia,

ditado, questionário, epístola, e só mais tarde a composição. (MAGALHÃES, 2008, p. 40)

Assim, o processo de apropriação e didatização (para fins de ensino) da escrita pela escola, caracterizado por um constante afastamento das práticas de escrita na sociedade, repercute em práticas que limitam os usos da escrita pelos alunos a atividades de reprodução e pouco espaço de produção dos estudantes. Nas palavras de Viñao Frago, historiador da educação espanhola, “os usos escolares da escrita, por mais que se diga, sobretudo no ensino primário, que se deve prestar atenção aos usos cotidianos e ordinários da mesma, implicam, em sua quase totalidade, em atividades de cópia e de reprodução do memorizado” [livre tradução] (VIÑAO FRAGO, 2002, p. 335). Observa-se, portanto, uma circulação de práticas pedagógicas em diferentes países, aqui expostos França, Espanha e Portugal, que influenciaram, também o campo educacional no Brasil. Tais aproximações permitem contrastar aspectos da cultura escolar, especificamente do ensino da escrita na escola primária e as práticas de escrita, que serão brevemente contextualizadas a seguir, a fim de compreender a historicidade do ensino da escrita na escola.

Roger Chartier aponta a cópia como “o exercício fundamental de qualquer aprendizagem, até mesmo de qualquer prática da escrita” (CHARTIER, 2002, p. 88). De fato, quando pensamos no ensino da escrita escolar é quase automaticamente feita a associação ao exercício de cópia. Copiar a lição do quadro-negro, copiar a lição ditada pelo professor, copiar textos e exercícios de livros, copiar frases preenchendo linhas, são algumas das práticas associadas à cópia. Cópia é repetição e na escola repetição é reforço, memorização, assimilação e aprendizagem.

Com relação à redação, Anne-Marie Chartier (2007) afirma que, na França, foi nos anos 1850 que a composição de textos foi proposta como exercício escolar pelas autoridades, instaladas na escola republicada sob o título de “redação”. Este exercício assume um lugar importante no contexto escolar por seu caráter de ordem e disciplina em sala de aula, mas também como instrumento de avaliação do desenvolvimento dos alunos com a observação da letra, da estrutura, da correção da linguagem, da expressão escrita, da criatividade, etc. Embora as propostas de redação escolar sigam modelos perpetuados no decorrer do tempo, este é, possivelmente, o único exercício de escrita escolar que permite certa liberdade de criação para os alunos, que não se baseia na cópia e na repetição.

Segundo Bastos (2014), “juntamente com a atividade de redação e de cópia, [o ditado] era, e ainda é, um exercício fundamental para o conhecimento da língua, a formação do aluno

e o controle da aprendizagem, em busca da excelência ortográfica e caligráfica” (BASTOS, 2014, p. 142-143). No decorrer do século XIX, a ortografia assume um estatuto superior junto à opinião pública, sendo considerada uma das bases da cultura. O ditado demora um certo tempo a se estabelecer como exercício para o ensino da ortografia nas escolas devido ao nível variado dos alunos e ao longo tempo necessário para sua prática. Mas o ditado acaba por se estabelecer como um dos principais exercícios escolares, pois, “diferentemente da cópia e da cacografia, o ditado é um exercício coletivo [...]. Ele é mesmo sem dúvida, depois da leitura, o primeiro exercício coletivo que foi praticado na escola” [livre tradução] (CHERVEL, 2006, p. 321) e essa se mostrou ser uma necessidade da escola moderna.

É sob a tensão que reina na sala de aula no momento em que o texto é ditado e sob a solenidade desta pequena cerimônia cotidiana que pesa a didática da ortografia para obrigar o aluno a se questionar sobre a grafia das formas que lhe são submetidas e que são muitas vezes relacionadas às lições anteriores. [livre tradução] (CHERVEL, 2006, p. 324)

Com base nestes pressupostos sobre o ensino da escrita, especialmente sobre os exercícios de cópia, redação e ditado, identificou-se o “Manual do Professor Primário”, de autoria de Theobaldo Miranda Santos e publicado no ano de 1956 em sua 4ª edição revista e ampliada como um documento potencial para suscitar reflexões sobre as práticas de escrita escolares. O autor apresenta em sua obra, de forma abrangente e sucinta aspectos sobre o professor primário, a escola primária, o escolar primário, os métodos de ensino, as medidas do ensino, as instituições auxiliares do ensino e os programas de ensino. Segundo ele,

A escola primária não pode ser mais considerada como simples máquina de alfabetização. Sua tarefa não se restringe mais, como antigamente, à modesta tarefa de ensinar a ler, escrever e contar. Seu papel, no panorama complexo da vida moderna, é mais amplo e mais profundo. (SANTOS, 1956, p. 37)

Neste sentido, ainda nas palavras do autor, a escola primária ampliou seus objetivos, visando uma educação integral, embora continuasse a incluir entre as suas finalidades fundamentais o ensino das “técnicas elementares da cultura (ler, escrever e contar)” (SANTOS, 1956, p. 39).

No âmbito deste trabalho, propõe-se como recorte para a análise o Programa do Ensino Primário do Distrito Federal de 1950 inserido no final da obra. O programa apresenta

a organização dos conteúdos do curso primário elementar, distribuídos da 1ª à 4ª série, da seguinte forma: Linguagem (Linguagem Oral; Linguagem Escrita; Conhecimentos Gramaticais), Matemática (Aritmética; Geometria) e Conhecimentos Gerais (Geografia e História; Ciências Naturais e Higiene).

Tendo como foco o conteúdo relacionado à Linguagem Escrita, identifica-se a presença persistente e exclusiva dos três exercícios analisados neste trabalho (cópia, ditado e redação), motivo pelo qual o mesmo foi tomado como objeto de estudo. Observa-se, contudo, uma complexificação das propostas conforme avançam as séries, ou seja, da cópia e ditado de modelos, palavras e frases soltas à cópia e ditado de trechos em prosa e verso, de historietas e outras matérias estudadas. O mesmo ocorre com a redação, que parte da organização de pequenas frases e histórias, por exemplo, avançando para gêneros textuais mais complexos, frequentemente relacionados às demais áreas da Linguagem e às outras disciplinas.

A análise do material permite observar a persistência dos exercícios de cópia, redação e ditado no ensino escolar, associados, no documento em questão, a exercícios de leitura, expressão oral e conhecimentos gramaticais, indicando uma concepção mais ampla de alfabetização no século XX.

Com relação à esta persistência de alguns exercícios como práticas escolares, Anne-Marie Chartier (2007) afirma:

Para que um exercício possa ser adotado de forma durável na escola é preciso que ele tenha um esquema de ação breve, estável e simples. Deve ser conveniente a todos os professores, principiantes ou tarimbados, e a todos os alunos, tanto aos melhores quanto àqueles que apresentam os piores desempenhos escolares. Os reformadores denunciaram continuamente o aspecto artificial, limitador e formal desses moldes arbitrários, pré-construídos e que se tornaram, rapidamente, um fim em si mesmo. Esses discursos críticos, entretanto, não tiraram a confiança dos professores no exercício formal. Para eles, o bom exercício é aquele que combina, ao mesmo tempo, um quadro fixo, comum, reiterável e uma “margem de jogo”. Cada aluno pode, assim, manifestar suas forças e suas fraquezas, de forma individual e objetivada; o professor não terá dificuldades em ser justo em sua apreciação, e o aluno aceitará, de bom grado, o seu veredito. (CHARTIER, A.M., 2007, p. 35-36)

O excerto acima evidencia os diferentes aspectos que possibilitam a perenidade de um exercício escolar, que contemplem não só a sua eficácia como método de ensino, mas também as competências de professores e alunos. Nota-se também presente no excerto as críticas aos exercícios que possam tornar-se um fim em si mesmo, mas, também a confiança dos professores na sua estrutura como meio de aprendizagem e o papel importante da avaliação

sobre a execução do exercício.

Conclui-se, portanto, que estes exercícios possuem uma norma e uma sistemática bem definidas, mas que podem variar segundo as orientações pedagógicas e os objetivos do ensino. É, portanto, essa capacidade de adaptação que permite a sua persistência como práticas escolares.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. Cadernos de ditado: vitrine do ensino de ortografia na escola primária (Colégio Farroupilha/RS – 1948-1989). In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. (Orgs.). **História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático**. São Paulo: UNESP; Marília: Oficina Universitária, 2014. p. 141-162.

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação dos professores da escola primária. Tradução de Maria Cecília Silveira Bueno. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 8, mai./ago.1998. p. 4-12.

_____. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. Tradução de Ana Maria de Oliveira Galvão e Ceres Leite Prado. In: CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007. p. 21-66.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHERVEL, André. **Histoire de l'enseignement du français du XVIIe au XXe siècle**. Paris: Retz, 2006.

CHERVEL, André; MANESSE, Danièle. **La dictée: Les Français et l'orthographe 1873-1987**. Calmann Lévy/INRP, 1989.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Escrita escolar e oficialização da escola portuguesa. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (dir.); BLAS, Verónica Sierra (ed.). **Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)**. Gijón: Trea, 2008.

p. 19-40.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Manual do Professor Primário**. 4ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Del periódico a Internet: leer y escribir en los siglos XIX y XX. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Coord.). **Historia de la cultura escrita: Del Proximo Oriente Antigo a la sociedad informatizada**. Gijón: Trea, 2002. p. 317-355.